

ae
extraordinária

setembro
2016
ano I I



queima de
extorque

henrique pitt

ISSN
2447-1003



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

setembro
2016
ano II

queima de extorque



Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autor

Henrique Pitt

Há exato um ano as edições da Alagunas Extraordinária eram inauguradas com a publicação de *Crônica da Cidade*, novela de Mácllen Luan. Hoje, 11 de setembro de 2016, a AE vem mais uma vez ao ar com *queima de extorque*, do poeta catarinense Henrique Pitt, autor que já possui um livro publicado: *Antropicos* (Ed. Costelas Felinas, 2016).

Pitt enviou mais de um conjunto de poemas para avaliação do Corpo Editorial da Revista. Entre *phoNemas* e *tudo já nadou*, selecionamos *queima de extorque* por dialogar melhor com as publicações da Alagunas (o que não foi uma escolha fácil de ser feita). *queima de extorque* é constituído por 58 poemas que possuem uma voz clara e firme. O que nos levou à capa desta edição. A gravura de Philippe Pasqua ilustra as expressões daquele que, ao nosso ver, representa perfeitamente o rosto da voz.

A editora, contista, poeta, fotógrafa e que também compõe o quadro de autores da Alagunas, Lislely Nogueira (tem contos publicados nas Alagunas #6: Pater e #7: Peste), escreveu sobre *queima de extorque* (obra que ela conhece a partir de várias leituras):

A Revista Alagunas traz, em sua Edição Extraordinária, o Queima de Extorque; que rompe barreiras, briga com o arcaico-convencional e propõe através de poética contundente, criativa, uma leitura atenta, principalmente à vivacidade dos seus neologismos e à magnitude de suas verdades. Ponto por ponto, o poeta Henrique Pitt estabelece em sua narrativa um segundo olhar, o mais autêntico, sobre o que até então consideramos verso. De conteúdo atemporal e instigante, o Queima de Extorque é um convite à surpresa e à originalidade.

Editorial

Editorial um
uma luz seis
dois dedos de prosa sete
na minha frente oito
uma noite com neblina nove
agora, nós dois 10
as coisas andam onze
não ouço doze
chega o dia treze
assim que você saiu catorze
sentei como quinze
o primeiro amor dezesseis
entre o que poderia dezessete
vou me acabar por aqui dezoito
agora, fugir dezenove
a vida passa 20
carrego minhas sombras 20 e um
são os sons do silêncio 20 e dois
os ramos do meu amor 20 e três
meus olhos pesam 20 e quatro

20 e cinco **achar que é verso**
20 e seis **pegar na mão**
20 e sete **a folha**
20 e oito **me vejo**
20 e nove **o próximo ano**
30 **o certo**
30 e um **tentei**
30 e dois **meia hora aqui**
30 e três **meu corpo sente**
30 e quatro **a julgar por esta página**
30 e cinco **cruzadas entre**
30 e seis **vamos nos fazer**
30 e sete **noites**
30 e oito **um pássaro**
30 e nove **desapareço**
40 **a pressa**
40 e um **em meu lugar**
40 e dois **o tempo**
40 e três **sonhos noturnos**
40 e quatro **reparando bem mesmo**

a vida 40 e cinco
saber o que se diria 40 e seis
daqui a pouco 40 e sete
corações pela metade 40 e oito
uma dose 40 e nove
brota da terra 50
os olhos marejados 50 e um
antes eu pensava 50 e dois
meio 50 e três
degrau 50 e quatro
ter, o respeito 50 e cinco
da dor 50 e seis
quem não sabe 50 e sete
migalhas 50 e oito
alguém que não vinha 50 e nove
a casa deserta 60
em instantes 60 e um
faixas que ando 60 e dois
tão mel 60 e três
Sobre o autor 60 e quatro
Sugestão de leitura 60 e cinco

setembro
2016
ano II

queima de
extorque

índice

queima de
extorque

henriquepitt

uma luz
quase me atinge
e desenha os contornos-argila
em meu estado de esfinge.
uma luz
quase me existe, imagine

dois dedos de prosa
três de pinga
quantos versos
de poesia fiada
até que se finda

na minha frente
e eu não vi.
fiz que fiz
mas não fiz,
estava tão claro
forte, tão franco.
outra vez como esta fez
só outro dia, mês
bem que eu queria
bem que eu te quis
fácil fácil
quase que eu faço
quase fui feliz

uma noite com neblina

tem mais alma

é mais fina

letra-película

entre o limão e a lima

escuro que ilumina

nela, ficam, eu, nebuloso

e minha sina:

rompê-la. sempre caio

na dela, pra cima

agora, nós dois
sem antes
nem depois

as coisas andam
muito estranhas, as coisas
agitadas, muito calmas
iguais esses seilás, minhas
dores nas costas
as estradas, que, perdi
o fio da meada,
lagartas
os tomates da minha horta
choveu
no dia das almas

não ouço
como houveram
os gritos de Roma
nem digo
o que digitaram
falando grego.
falo como falha
quem ama
isso, pra ninguém
é segredo

chega o dia

em que

~~líquida~~

a vida flutua.

quem for rio, ria

quem chorar, chuva

assim que você saiu
chegou entrou
um vento frio
vindo de onde vinha, me viu
o sinto mais seco
que minha língua engoliu.
a maior parte sofreu
outra, choveu,
e uma, no mínimo, sorriu
assim que você me partiu.

sentei como
quem sentou,
só pra ver
o tempo passar.
ele, como
tempo, senti,
passou.

o primeiro amor
no segundo andar
do terceiro mundo.
qualquer quarto
qualquer dor
qualquer canto

entre

o que poderia

e o que disseste

só a poesia

exéste

vou me acabar por aqui
e deixar tudo sem evidências.
pra que ninguém nunca diga
da dor
que escrevo demais
do amor
que escrevo de menos
vou me acabar por aqui
em eteceteras e reticências

agora, fugir
de mim, de você
do meu desgosto.
saltar da vida
enquanto ainda movimento
outro mês de agosto

a vida passa

tudo é uma desgraça
diante do voo da garça

carrego minhas sombras
como quem

carrega pedras

canso só de ver

minhas sobras

rastejando sobre as terras

são os sons do silêncio
que estão caindo
enquanto me quebro.
o rasgo na voz da noite
presa na garganta.
ela, meu eco.

os ramos do meu amor
o mar da minha rima
tento r'ama-lhe-te
mas só remo morena
mirando menina

meus olhos pesam
rosto abaixo
e arrastam a pele
os ossos
arrastam meus traços.
retenho-os num abraço.
as próprias mãos
segurando os braços.

achar que é verso
frase do sub-solo
coisa de sub-verso

pegar na mão
é algo que se sente
que ensina
encerra.

no chão,
pés-semente.

alguém me prometeu o céu
e eu só queria a terra.

a folha
amassada ao ar
arremessada.
meu fogo contra
sua água
meu vento encontra
sua terra comprometida.
caminhar entre
o que dizem
e o que dilacera
em minhas frases enraizadas.
aos senhores da guerra
prometo um poema
como quem
dedica uma granada.

me vejo
e me olho meio torto.
nem sei se estou vivo
quanto mais morto

o próximo ano
o último mês
ano ímpar
anos de azar
ano bissexto
calendário chinês.
vez por outra
a cada ano a esperança
veste de branco os dentes
de besta
e esfrega uma alegria
insossa
de sorriso incesto
na cara do freguês

o certo

está a salvo.

deste erro

eu não sou alvo.

tentei.
deixei minhas coisas
como se nunca as tivesse tido.
vendi minha vida
doei as dores
passei meus passos
como quem não tivesse passado.

meia hora aqui
sentado
nem um traço
e esta página
me envolve.
e pensar que
essa minha falta
de assunto
ainda precisa
endereço
e envelope.

meu corpo sente.
é este cheiro ranço
a reza braba
o povo manso.
antes das sete
eu já me canso.

a julgar por esta página
as árvores também escrevem.
está aqui, cheia de linhas.
sentimentos, lágrimas,
fibras contorcidas
seivas clarificadas.
branca como nuvem
está aqui, cheia de poesia
vazia
a julgar por essa minha.

cruzadas entre-
linhas tênues
palavras caídas
quebradas minhas
emoções
são mentalmente
desequilibradas

vamos nos fazer
um favor, amor
não se toca
naquele pavor
e o assunto
a gente troca
tempo por roupa
frio por calor.

vamos nos fazer mais
e melhor
que o despertador
já deu hora
certa dor
eu não toco
você já não me toca
seja lá onde o que for

noites
de chuva
ecoam.
gritos
as ruas
escoam.

um pássaro
nalgum canto
do meu ouvido.

passou rápido
mas cantou
comovido.

desapareço

branco-e-preto

projetado contra

o que eu era

novas frágeis

perspectivas-cores

a primavera, sai

de dentro das flores

a pressa

estampada nos rostos

-estampido! –

apenas pressupostos

em meu lugar
me ponho.
estranho.
tudo isso não passa
de um engano
suponho.

o tempo
passou por mim
como numa galeria.
o tempo indivíduo
vestido, como eu
me vestiria
passeou, viu
minhas vísceras.
ele gente, gelaria
enquanto eu era, ia
como vai quem sente
que o tempo não é, seria.

sonhos noturnos

em meus dedos frágeis

anéis de saturno

reparando bem mesmo

só há passos pesados.

a pedra seca

os pés molhados

pesam pesam

até rachar.

eu agora tenho de carregar

este molho-de-chaves.

e olha que nem queria

casa pra fechar.

a vida

vinha

pur'a

com'ó

vinho

d'entro

da ch

uva

saber o que se diria
aos próprios anseios.
os desejos mais estranhos

juros cotidianos
os que nunca puderam
à utopia que sempre daria.

quem poderia
realizar os sonhos
de padaria.

daqui a pouco
acontece
o dia pouco
anoitece
eu e você
quem é quem
quem merece
palco
ou quermesse.

daqui a pouco
as últimas horas
serão vistas
como ultimamente.
os dias, agora,
outros meses.
viver
é só às vezes.

corações pela metade
poetas dobrando palavras
a cada meia quadra
céu com nuvens, ponteiros, intensidade.

sentir, sim, mas hoje o sol
saiu às cinco da tarde.
amanhã quem sabe, quantos inteiros
cabem numa parte.

uma dose.

honras.

onze horas.

brota da terra,
desperta doutra coisa?

borda da pétala,
borboleta que pousa?

os olhos marejados
jogados na lata de lixo.
meus olhos, entrincheirados
como bichos.
nenhum olhar merece
estar numa cidade
sem pichos.

antes

antes eu pensava

que ao se pôr

o sol

descia.

era só supor que

e ele nascia.

antes

eu sol brincava

eu nem pensava

antes só poesia.

meio a

meio

ser

eu mesmo

e a semente

que semeio

de

grau

em

grau

de

gra

deu

ter, o respeito
que tem o louco de pedra
o da rua, da praça
do chafariz.

esse pode bater no peito
e dizer a quem passa
"atire a pedra
quem for mais feliz"

da dor

ao paraíso

nada dura

tanto

para isso

quem não sabe
de onde vim
é porque não viu direito,
não foi assim.

quem não sabe
que por mim
passou direto
não desce nem sobe
não nasce nem pode
que eu não venho, eu fim

migalhas

melhor me dá-las
do que medalhas

alguém que não vinha,
aqui cheguei
e não fui apresentado.
acabei presenteado
desta alcunha
pelo passado.

a casa deserta
não me cercava.
o sol batia no vidro
que me br
ilhava

em instantes
tudo passou do líquido
para um estado prático.
eu, você
a noite passou em claro
a poesia do ponto
o tempo do horário.
em instantes
tudo passou tão rápido

faixas que ando

velas do quadro

vê-las quando fecho

ou candelabro?

tão mel
quanto seu.
tudo isso
seria céu
se não fosse meu

henrique
pitt

É também ir-responsável por *Antropicos* (Costelas Felinas, 2016), livro de prosa experimental publicado artesanalmente e em meio digital; *Contos sem conta* (autoeditado e publicado pelo Clube de Autores); *Menas*, ebook agraciado no concurso Linguas&Amigos 2016, de poesia concreta e minimalista; mantém uma página redesocializável homônima, destinada unicamente às próprias criações poética e a página do livro *Antropicos*; declara-se autodidata, e culpado, por qualquer poema que possa vir a ter cometido.

Perfil no Recanto das Letras:
<http://www.recantodasletras.com.br/autores/henriquepitt>

Página Facebook:
<https://www.facebook.com/Henrique-Pitt-poemas-autorais/>

Para baixar *Antropicos*:
<https://pt.calameo.com/books/0047097949e0d0521acb4>

Página *Antropicos*:
<https://www.facebook.com/Antropicos/>

E-mail:
pitthenrique@gmail.com

sugestão
de leitura

#dourbanoqueháemnos é uma obra contemporânea, crítica, visual, com o olhar voltado para o que nos cerca. Dez autores alagoanos; dez estilos em verso e prosa.

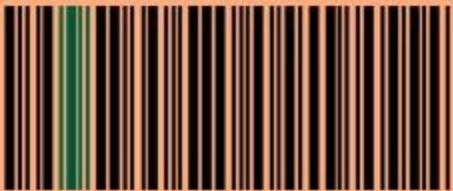
#DOURBANOQUEHÁEMNÓS

autores.ignoto@gmail.com 

/dourbanoquehaemnos 



ISSN
2447-1003



revista
de criação
literária